

**DISCURSO E MEMÓRIA:
ANÁLISE DA RELAÇÃO
ENTRE O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA
E A PERSPECTIVA EDUCACIONAL ADVENTISTA**

Tiago da Costa Barros Macedo (UESB/IFMA)

tiago.macedo@ifma.edu.br

Edvania Gomes da Silva (UESB)

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar, com base no dispositivo teórico-metodológico da escola francesa de análise de discurso, mais precisamente, no conceito de memória discursiva, conforme apresentado em Michel Pêcheux (1999), os efeitos de memória materializados no artigo “O ensino da língua materna nos escritos de Ellen Golden White”, escrito pela Dra. Sílvia Cristina de Oliveira Quadros, doutora em letras: semiótica e linguística geral da USP e pró-reitora de graduação no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). O referido artigo que, em linhas gerais, propõe que o trabalho da língua materna, na educação adventista, seja baseado tanto na cosmivisão bíblico-cristã quanto nos escritos da cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen Golden White, faz parte da obra *Manual do Educador: Princípios para Integrar a Fé e o Ensino-Aprendizagem*, material produzido pela Educação Adventista como resultado do *I Simpósio UNASP da Confessionalidade Adventista*, realizado no ano de 2013. Na análise, verificamos que o texto de Sílvia Cristina de Oliveira Quadros materializa diferentes efeitos de sentido, os quais se inscrevem no referido texto por meio de pré-construídos e de discursos transversos, que reconfiguram uma memória discursiva acerca dos preceitos bíblicos, conforme interpretados pela fé adventista. Isso mostra que, como defende Michel Pêcheux (1997), o sentido de uma palavra, expressão ou proposição não existe “em si mesmo”, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico.

Palavras-chave: Ensino. Língua materna. Educação adventista. Análise do discurso

1. Considerações iniciais

Este artigo analisa os efeitos de memória materializados no artigo “O ensino da língua materna nos escritos de Ellen Golden White”, escrito pela Dra. Sílvia Cristina de Oliveira Quadros. O referido texto faz parte da obra *Manual do Educador: Princípios para Integrar a Fé e o Ensino-Aprendizagem*, produzido pela Educação Adventista como um guia de orientação para os professores desta rede educacional.

Este artigo está dividido em seis partes. A primeira trata das considerações teóricas, priorizando a relação entre memória e efeitos de sentido, com base nas formulações de Michel Pêcheux. A segunda trata das

condições de produção do *corpus* escolhido para a análise. A terceira consiste na análise dos pré-construídos da Bíblia e dos textos de Ellen Golden White no artigo de Silvia Cristina de Oliveira Quadros. A quarta mostra alguns exemplos de pré-construídos vinculados a textos de linguistas contemporâneos que são reconfigurados no/pelo artigo de Silvia Cristina de Oliveira Quadros. A quinta parte apresenta a inter-relação que Silvia Cristina de Oliveira Quadros estabelece entre os textos da Bíblia, os whitanos e os dos linguistas, visando à aplicação destes princípios no ensino de língua materna. Por fim, a última parte do artigo apresenta as considerações finais.

2. Considerações teóricas: efeitos de sentido e memória em análise do discurso

Para tratarmos de discurso na perspectiva teórico-metodológica da análise do discurso, faz-se necessário, primeiramente, apresentar o conceito de discurso de Michel Pêcheux. Segundo Paul Henry (1997), Michel Pêcheux relaciona o discurso com a prática política, por seu viés ideológico, de forma que o discurso tenha como propósito a transformação das relações sociais. Assim, neste trabalho, o discurso será considerado dentro de uma visão político-ideológica, a partir da análise da presença do discurso educacional adventista na proposta de ensino da língua materna de uma estudiosa da língua que é também membro da referida igreja.

Outro conceito neste trabalho é o de memória. Ao discutir sobre o papel da memória, Michel Pêcheux (1999) afirma que, dentro dos estudos discursivos, a memória não é considerada com base em seu caráter psicológico e individual, mas sim pelas práticas que mostram o funcionamento de uma memória social, assim como a construção da memória pelo historiador e os entrecruzamentos de sentido de uma memória mítica.

A partir daí, Michel Pêcheux apresenta então o conceito de memória discursiva e a define da seguinte forma:

A memória discursiva seria aquilo, que face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem estabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999 p. 52)

Salientamos, ainda, que o sentido de uma palavra, expressão ou

proposição, para Michel Pêcheux (1997), não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão no jogo do processo sócio-histórico. Assim, ainda segundo Michel Pêcheux (1997), entende-se que o discurso são os efeitos de sentido que variam de uma formação discursiva⁴⁸ para outra e que o interdiscurso, isto é, o conjunto de discursos anteriores à enunciação, é caracterizado por dois elementos: o pré-construído, ou seja, o “sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a *realidade* e seu *sentido* sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, 1997, p. 164) e a articulação, que representa a dominação forma-sujeito e a relação do sujeito com o sentido. Michel Pêcheux (1997) declara ainda, que esta articulação, ou processos de articulação, é chamado de discurso transverso, também reconhecido como a figura de linguagem metonímia, em sua relação de causa e efeito, da parte com o todo etc. Segundo o autor, o interdiscurso, enquanto discurso transverso, permite a articulação e a conexão com o interdiscurso pré-construído, o que contribui para o funcionamento do discurso com relação a si mesmo, ou seja, o intradiscurso.

Portanto, esta perspectiva reforça a proposta deste trabalho, que parte do conceito de memória discursiva para apresentar os efeitos de sentido materializados em pré-construídos e discursos transversos encontrados no artigo “O ensino da língua materna nos escritos de Ellen Golden White”, o qual, como já dissemos, busca relacionar o ensino de língua materna com a perspectiva cristã, definida segundo a fé adventista. Mas, antes de iniciarmos as análises, faz-se necessário discutir as condições de produção do referido artigo.

3. Condições de produção do material

O artigo que constitui o *corpus* de análise deste trabalho, cujo título é “O ensino da língua materna nos escritos de Ellen Golden White”, foi escrito pela Dra. Silvia Cristina de Oliveira Quadros, doutora em letras: semiótica e linguística geral pela USP e pró-reitora de graduação no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Para entender o papel desta instituição educacional adventista no cenário nacional e mundial, é interessante saber que recentemente o UNASP completou

⁴⁸ “Chamaremos, então, de formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito...” (PÊCHEUX, 1997, p. 160)

cem anos de existência e está localizado no estado de São Paulo, onde também podem ser encontradas outras instituições adventistas de prestígio, tais como a *Rede Novo Tempo de Comunicação* em Jacareí (SP); a editora *Casa Publicadora Brasileira*, em Tatuí (SP) e a empresa alimentícia *Superbom*, localizada na capital do estado.

Segundo Márcio Dias Guarda (2015), o UNASP é uma instituição adventista de ensino superior subdividida em três *campi*: um em São Paulo, na capital, outro em Engenheiro Coelho (na região de Limeira, SP) e por fim, um em Hortolândia (na região de Campinas, SP). O UNASP oferece mais de trinta carreiras universitárias, vários cursos de Pós-Graduação *lato sensu* e alguns cursos de Mestrado. A instituição também oferece a Educação Básica, por meio de seus colégios que ficam localizados dentro de cada *campus*, sendo que a escola localizada no *campus* de São Paulo é a maior da Rede Adventista, atualmente, e conta ainda com um *campus* virtual, que oferece vários cursos à distância. Atualmente, o UNASP é a maior instituição educacional adventista do mundo, com mais de 17 mil alunos matriculados, sendo que muitos deles estudam e moram na própria instituição, em um regime de internato. Com base nestas características, verifica-se que esta instituição representa uma referência importante e de grande influência acadêmica dentro da Rede Educacional Adventista.

Em janeiro de 2013, esta instituição realizou o *I Simpósio UNASP da Confessionalidade Adventista*, visando “realçar e revitalizar a característica confessional da instituição” (BAHIA, 2015, p. 11) e, a partir daí, foi elaborada a obra “Manual do Educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem”, da qual o artigo de Silvia Cristina de Oliveira Quadros faz parte. Segundo a referida autora⁴⁹, a obra é destinada aos professores da Educação Adventista e tem como abordagem principal “inserir a *Cristo nas salas de aula*, que se traduz na prática da integração fé e ensino/aprendizagem”. (QUADROS, 2015, p. 13)

Mais adiante, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) detalha que a obra apresenta reflexões de educadores do Sistema Adventista de Ensino, aliando a cosmovisão bíblico-cristã com a prática da integração fé e ensino/aprendizagem na educação básica e superior, com o objetivo

⁴⁹ Além de autora do artigo “O ensino da língua materna nos escritos de Ellen White”, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) também escreve o prefácio da obra “Manual do Educador: Princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem”.

de fortalecer a identidade da Educação Adventista e também o trabalho docente. Dentro deste contexto, o artigo que trata do ensino da língua materna na perspectiva adventista, aparece dentro da seção *Diálogo*, o que sugere uma relação entre os fundamentos bíblico-cristãos, defendidos pela instituição confessional, e outras áreas do conhecimento como, por exemplo, a área responsável pelo processo de ensino-aprendizagem de língua materna.

4. Análise de pré-construídos da Bíblia e dos escritos de Ellen Golden White no artigo

Em relação à análise do artigo “O ensino da língua materna nos escritos de Ellen Golden White”, nota-se, logo no título, o funcionamento de certa memória que vincula o ensino de língua materna aos escritos da referida missionária. Tal memória é marcada, linguisticamente, por meio do “nos”, o qual materializa uma relação de vinculação do tipo contém/ está contido. Em outras palavras, a conjunção “em” somada ao artigo “os” resulta na forma “nos” e indica que existe um ensino de língua que está contido nos escritos de Ellen Golden White.

Dessa forma, vemos, no título do artigo, a relação estabelecida entre um ensino de língua de base adventista e os textos de Ellen Golden White. Para entendermos melhor tal relação, recorreremos a Herbert Edgar Douglass (2001), o qual trata da importância de Ellen Golden White para Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ellen Golden White, que é cofundadora da Igreja Adventista nos Estados Unidos e uma das autoras mais traduzidas de todos os tempos, é considerada, pela referida igreja, uma profetiza moderna, dotada pelo dom espiritual do Espírito de Profecia (*GENERAL CONFERENCE*, 2015, p. 8). Por isso mesmo, seus escritos são considerados “divinamente inspirados, verdadeiramente centralizados em Cristo e fundamentados na Bíblia” (IGREJA ADVENTISTA, 2015, s/p). Para ratificar o dom da profecia de Ellen Golden White, os adventistas se baseiam em textos da Bíblia Sagrada, os quais funcionam como textos fundadores. Ainda segundo os enunciadores adventistas, esses textos mostram que: i) Deus se revela aos profetas por meio de sonhos (BÍBLIA, Números 12, 6); ii) a prosperidade e a segurança de um povo estão em confiar em Deus e em seus profetas (BÍBLIA, II Crônicas 20, 20); iii) por meio da atuação do Espírito Santo, nos últimos dias muitos jovens terão visões e profetizarão (BÍBLIA, Joel 2, 28 e 29); e iv) Deus está disposto a revelar seus segredos aos profetas (BÍBLIA, Amós 3, 7). É importante

ressaltar que, para os membros da referida igreja, os escritos de Ellen Golden White não substituem a Bíblia, mas constituem uma “luz menor” que auxilia na compreensão da “luz maior”, a Bíblia Sagrada.

Herbert Edgar Douglass (2001) explica que esta inspiração não se dá por palavras, mas sim por meio de pensamento, ou seja, segundo ele, Deus inspira o profeta apresentando-lhe uma mensagem e cabe a este mensageiro comunicá-la de acordo com o conhecimento que ele possui. Herbert Edgar Douglass (2001) acrescenta que esta explicação se estende também ao processo de elaboração e de redação dos livros que compõem a Bíblia Sagrada no caso dos profetas que foram inspirados pelo Espírito Santo para escrevê-la. O autor declara ainda que:

Os defensores da inspiração de pensamento leem a Bíblia e veem Deus atuando por intermédio de seres humanos com suas características individuais. Deus comunica os pensamentos; e os profetas, ao transmitirem a mensagem divina, usam toda a capacidade literária que possuem. Especialistas universitários relatarão uma mensagem ou descreverão um acontecimento de forma muito diferente da de um pastor de ovelhas. Mas se ambos foram inspirados por Deus, a verdade será ouvida igualmente tanto por instruídos como por iletrados (...). No processo de revelação/inspiração, a revelação enfatiza a ação divina que comunica informação. Os adventistas do sétimo dia creem que a mensagem, ou conteúdo, divinamente revelada é infalível e autorizada (...). Já a inspiração se refere ao processo pelo qual Deus habilita uma pessoa para ser Sua mensageira. (DOUGLASS, 2001, p. 16)

Nessa citação, Herbert Edgar Douglass mostra o que defendem os adventistas do sétimo dia acerca dos processos de revelação/inspiração. De acordo com a tese adventista, o primeiro conceito (o de revelação) representa a comunicação direta de Deus ao profeta, este último, por sua vez, comunica a mensagem divina de acordo com seu nível intelectual e de letramento. Este princípio se estende tanto aos escritores da Bíblia quanto ao ministério profético de Ellen Golden White.

Outro detalhe importante a ser acrescentado é que Ellen Golden White, ainda segundo Herbert Edgar Douglass (2001), representa a base filosófica e a figura central para o desenvolvimento do sistema educacional adventista e é impossível compreendê-lo sem reconhecer o legado e a atuação desta escritora nesta área.

Assim, verifica-se que o texto de Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) é atravessado por uma memória que marca a importância dos textos de Ellen Golden White para o enunciador adventista. Por isso, quando o texto sob análise apresenta uma proposta de ensino na língua materna, tal proposta emerge vinculada aos escritos de Ellen Golden

White.

Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) inicia o artigo declarando que o maior exemplo de educação cristã é o próprio Jesus Cristo, ou seja, há, no texto de Silvia Cristina de Oliveira Quadros, uma memória discursiva, que se materializa por meio de um pré-construído segundo o qual existe algo que pode ser nomeado como “educação cristã” e esta deve ter como “maior exemplo” o próprio Jesus Cristo, o que evidencia a presença, no texto, de mais um pré-construído, o de que Jesus Cristo existe. Esse último pré-construído pode ser encontrado também nos evangelhos neotestamentários, os livros de Mateus, Marcos, Lucas e João, que se propõem a narrar a vida e o ministério de Jesus Cristo.

Em seguida, Silvia Cristina de Oliveira Quadros então cita Ellen Golden White, a qual afirma que: “Cristo servia-se de linguagem simples” (WHITE, 1994 *apud*. QUADROS, 2015, p. 185), “e todos, letrados e ignorantes, eram capazes de compreender suas lições” (p. 185). Aqui, vemos a presença de um discurso transversal que se materializa por meio da seguinte relação lógica: Todos os seres humanos (letrados e ignorantes) são capazes de entender a linguagem de Cristo; os alunos de língua portuguesa são humanos, portanto eles também podem entender a linguagem de Cristo. Em seguida, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) apresenta o discurso da educação atual, o qual, segundo ela, estabelece uma relação distante entre professor e aluno. Relação essa que, ainda segundo Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015), é totalmente oposta ao exemplo de Jesus Cristo e de seus seguidores. A esse respeito, a autora declara:

Essa afirmação nos leva a repensar o trabalho docente, seu processo comunicativo em sala de aula e sua metodologia de trabalho ao ensinar a língua materna. O processo comunicativo existente entre professor e alunos distancia-se muito dessa simplicidade mencionada pela autora, essa inteligibilidade do discurso por diferentes públicos de alunos, provenientes das várias classes sociais e de lugares. (QUADROS, 2015 p. 186)

No excerto acima, vemos que Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) busca vincular ensino e religião por meio da retomada/reconfiguração da imagem de Jesus Cristo como um grande educador. Nessa perspectiva, os textos de Ellen Golden White servem para mostrar Jesus Cristo como alguém que tinha “uma linguagem simples”, a qual podia ser compreendida por “letrados e ignorantes”. Ao retomar essa memória de um Cristo simples, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) a reconfigura e a faz funcionar no interior do campo educacional, mostrando que essa simplicidade na linguagem deve ser adotada pelo professor de líng-

gua materna.

Na continuidade do artigo, no subtítulo “Interação professor/aluno”, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) continua defendendo que o exemplo de Cristo deve ser adotado pelo professor cristão na relação com seu aluno em sala de aula. Aqui, vemos a presença de mais um pré-construído, segundo o qual existe um professor cristão, o qual, no texto, é vinculado, principalmente, à imagem do professor que professa a fé adventista. Esse é o coenunciador de Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015), pois é para ele que o texto sob análise foi elaborado. É por isso que o texto de Silvia Cristina de Oliveira Quadros traz como intertexto os escritos de Ellen Golden White, afinal, como mostramos acima, tais escritos são vistos, pelos adventistas, como sendo profecias dos últimos dias.

Ainda com base em Ellen Golden White, Silvia Cristina de Oliveira Quadros mostra que Jesus Cristo é um exemplo de educador, porque, na relação com os seus seguidores e discípulos, sabia como atrair e ensinar as pessoas, usava ilustrações em seu discurso e experiências do cotidiano de seus ouvintes e caracterizava-se pela simplicidade e pela emotividade. Aqui, novamente, vê-se materializada uma memória de um Jesus Cristo que tem “uma linguagem simples” e isso é, mais uma vez, apresentado como exemplo para o professor de língua materna. Verifica-se também que “linguagem simples” funciona como paráfrase de “usar ilustrações e experiências do cotidiano”. Dessa forma, essas duas “estratégias” de ensino são apresentadas, no texto de Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015), como exemplos da simplicidade do Cristo; simplicidade essa que, como vimos mostrando, “deve” ser seguida pelo professor de língua materna.

Ela então retoma a memória do discurso educacional defendendo que o professor de língua materna, ao seguir o exemplo de Cristo deixa de ter uma postura de sujeito dominante em relação aos seus alunos, pois parte da experiência do aluno e do seu conhecimento prévio e possibilita “a interação de maneira a fazer com que sua mensagem seja inteligível aos alunos e que eles possam dar *feedback* de sua compreensão, sem se sentirem discriminados”. (QUADROS, 2015, p. 187)

Assim, por meio deste mecanismo de regularização pré-existente em pré-construídos citados anteriormente neste estudo, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) apresenta Jesus Cristo como o professor por excelência, cujo exemplo pode promover uma mudança de paradigma na

prática docente, além de ser digno de imitação por todos os professores da contemporaneidade. Isto pode ser evidenciado em expressões parafrásticas como “o professor, que tem como base o modo de ensinar preconizado por Cristo, estabelecerá uma interação” (QUADROS, 2015, p. 187), ou seja, a explicativa mostra que para o enunciador existe um modo de ensinar preconizado por Cristo, “com base em uma visão cristã de educação, repensar sua prática” (QUADROS, 2015, p. 186), isto é, existe uma visão cristã de educação, e “o ensino sob um prisma de uma educação cristã, parte de um modelo bastante simples: Jesus” (QUADROS, 2015, p. 185), ou seja, Jesus Cristo como modelo.

5. Análise do discurso transversal e pré-construídos da linguística no artigo

No subtítulo “Ensino de Língua Materna”, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) retoma/reconfigura o discurso da linguística, ao retomar as perspectivas contemporâneas de linguagem e de ensino. Ela inicia o tópico retomando Émile Benveniste (1995 *apud.* QUADROS, 2015) quando diz que “a linguagem reproduz a realidade” (BENVENISTE, 1995 *apud.* QUADROS, 2015, p. 187) e que “a sociedade não é possível a não ser pela língua e pela língua também o indivíduo” (BENVENISTE, 1995 *apud.* QUADROS, 2015, p. 187), para justificar a importância do ensino de língua materna de acordo com o contexto situacional dos alunos, numa visão pragmática, pois desta forma, “o estudo da língua fará sentido para eles”. (BENVENISTE, 1995 *apud.* QUADROS, 2015, p. 187)

Além disso, ela também busca, com base em Greg Gagné (2002 *apud.* QUADROS, 2015), mostrar duas perspectivas de ensino da língua: uma pedagogia centrada no código e uma outra, centrada na utilização do código. Ao explicar sobre a pedagogia centrada no código, Silvia Cristina de Oliveira Quadros afirma:

O ensino centrado no código, ou seja, na língua, dissemina a ideia de que a língua é difícil, homogênea e única, centralizando a premissa de que a língua é superior ao falante e não inerente a ele. Nessa visão, a linguagem do aluno é desvalorizada e as variantes linguísticas desconsideradas (...) A primeira forma de ensino (centrada no código) que expusemos não tem mais lugar, pelo menos teoricamente, visto que, há décadas, vários estudiosos da linguagem vêm apontando que o estudo de línguas não deve se reduzir ao estudo de um sistema de regras e nomenclaturas... (QUADROS, 2015, p.187).

Com base na citação acima, Silvia Cristina de Oliveira Quadros

(2015) utiliza pré-construídos para afirmar que o ensino da língua centra-do no código “não tem mais lugar” e isso se percebe na paráfrase “dissemina a ideia de que a língua é difícil, homogênea e única”, ou seja, há uma referência à memória no ensino de língua materna centrado no código, o qual sugere que a língua seja difícil, mesmo sabendo que nós a utilizamos o tempo todo, homogênea e única, e desconsidera as diversas variações linguísticas existentes, o que ocasiona a desvalorização da linguagem do aluno. Além disso, quando Silvia Cristina de Oliveira Quadros diz que “o estudo de línguas não deve se reduzir ao estudo de um sistema de regras e nomenclaturas”, ela mostra que o ensino da língua materna ainda é feito com base em um “sistema de regras e nomenclaturas”, embora, do ponto de vista teórico e dos estudos dos linguistas, tal concepção não deva mais ser adotada.

A autora mostra, por outro lado, que o ensino da língua materna deve estar centrado na utilização do código, pois o propósito desta escolha é fazer com que a língua seja estudada pelos seus diferentes usos em uma “prática de interação sociocomunicativa e de criação de sentidos” (QUADROS, 2015, p. 187), o que possibilita o desenvolvimento de atividades de análise linguística ao invés do ensino de gramática. Para enfatizar isso, ela recorre a Sírio Possenti (1985) que apresenta diferentes definições de gramática e posiciona-se a favor da última concepção, segundo a qual a gramática é vista “como um conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar” (QUADROS, 2015, p. 188). Em outras palavras, a autora defende que a concepção de gramática interna, aquela que indica o que o sujeito sabe da língua, é que deve ser trabalhada pelo professor cristão de língua materna na sua prática de ensino.

A seguir, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) busca, em João Wanderley Geraldi (1985), a integração dessas definições de gramática com as concepções de linguagem e a relaciona a terceira definição, isto é, a de gramática interna, que se baseia na linguística da enunciação, para qual “a linguagem se constitui como lugar de estabelecimento das relações sociais, em que os falantes se tornam sujeitos” (QUADROS, 2015, p. 188). Existe, aí, uma memória que remete as teorias de enunciação de Émile Benveniste.

Além deste exemplo, citado acima, ela recorre a outros enunciados tais como: i) “o estudo da língua materna deve levar em conta o contexto situacional em que os educandos estão inseridos” (QUADROS, 2015, p. 187), ou seja, este enunciado materializa um pré-construído se-

gundo o qual existe um contexto situacional, tal pré-construído, por meio de uma ação da memória sobre o acontecimento, vincula o texto de Silvia Cristina de Oliveira Quadros a uma perspectiva sociointeracional: ii) “a língua precisa ser estudada em diferentes contextos de uso, pois a língua se molda na interlocução, na interação social entre os sujeitos” (QUADROS, 2015, p. 187), vemos aqui um pré-construído segundo o qual existe algo que pode ser considerado como “interação social entre os sujeitos” e isso interessa ao ensino de língua materna; e iii) “propomos que as atividades de sala de aula estejam baseadas em atividades de interação pela leitura, produção de textos e análise linguística, levando-se em conta o processo de letramento do sujeito” (QUADROS, 2015, p. 188), nesse caso, há um pré-construído que mostra que há um processo de letramento do sujeito, o que remete às teorias da linguística aplicada.

Vale acrescentar que, ao fazer uso de regularizações e repetições, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) garante “a estabilidade de uma vulgata parafrástica, produzida por recorrência, quer dizer, por repetição literal dessa identidade material” (PÊCHEUX, 1999, p. 53), pois, no início da subseção do artigo que trata do ensino da língua materna, ela recorre ao pensamento de Émile Benveniste, que é fundador da linguística da enunciação e no decorrer do texto ela retoma este campo de pensamento por meio das definições de gramática de Sírio Possenti (1985 *apud*. QUADROS, 2015) e das concepções de linguagem, apresentadas por João Wanderley Geraldi. (1985 *apud*. QUADROS, 2015)

Neste processo de ensino-aprendizagem de língua materna, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) apresenta o professor na posição de mediador e facilitador dos alunos. Ela declara:

Entretanto, o aluno ingressa no ambiente escolar com uma variante diferente daquela ensinada na escola e cabe ao professor, na posição de mediador, facilitador, proporcionar a ele o domínio da variante culta da língua, sem que isso signifique uma depreciação de seu falar (...) é preciso priorizar o falar, o escutar, o ler e o escrever; ou seja, dominar a língua em todas as suas modalidades para depois estudar o funcionamento da língua de modo consciente. (BAGNO, 2002, *apud* QUADROS, 2015, p. 188)

Assim, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) recorre a um pré-construído ao afirmar que o aluno vem para escola com a sua própria “variante linguística” e que o professor deve ensinar a “variante culta” ao seu aluno sem criticar a sua forma de falar, o que remete às teorias da Sociolinguística. A seguir, a autora recorre a Marcos Bagno para mostrar que a prioridade no ensino de língua materna é o desenvolvimento das habilidades comunicativas da língua para que, a partir daí, seja possível

um estudo do “funcionamento da língua”, outro pré-construído baseado nas teorias da sociolinguística, que tem Marcos Bagno como um dos seus representantes.

A partir do encadeamento dos dois tópicos acima explicitados, Silvia Cristina de Oliveira Quadros sugere que o trabalho com a língua materna deve ser feito: i) com base na cosmovisão bíblico-cristã, reinterpretada pela fé adventista; e em concomitância com ii) a perspectiva da linguística da enunciação. Nessa perspectiva, a autora defende ainda: a) a interação entre professor e aluno; b) a construção do professor como mediador e facilitador; c) o aluno como pesquisador que trabalha a partir de seus conhecimentos prévios de língua materna e de suas experiências fora de sala de aula.

6. Inter-relação entre bíblia, textos de Ellen Golden White e teorias linguísticas

Na penúltima parte do artigo, cujo subtítulo é “Ensino de língua e Ellen Golden White”, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) propõe um diálogo entre a perspectiva de ensino de língua materna, conforme entendida por alguns linguistas, e os escritos de Ellen Golden White. A seguir, apresentamos alguns exemplos em uma tabela (QUADROS, 2015, p. 190 e 191) que sumariza pontos de vista defendidos por linguistas para o ensino da língua materna e os pré-construídos de Ellen Golden White, baseados nas obras *Educação* (2007), a mais citada, *Conselhos aos professores, pais e estudantes* (1994) e *Conselhos sobre educação* (2012).

Linguistas	Citações de Ellen Golden White
A individualidade se caracteriza pela expressão linguística do sujeito (BENVENISTE, 1995). É importante a valorização das variantes linguísticas. (BAGNO, STUBBS & GAGNÉ, 2002)	Cada ser humano, criado à imagem de Deus, é dotado de uma faculdade semelhante à do Criador: a individualidade. [...]. A obra da verdadeira educação consiste em desenvolver esta faculdade, em educar os jovens para que sejam pensadores e não meros refletores dos pensamentos de outros homens. [...]. Na obra da educação de hoje se necessita prestar o mesmo interesse pessoal e a mesma atenção ao desenvolvimento individual. (WHITE, 2007, p. 17-232)
Ensino de língua não deve se dar por meio de exercícios mecânicos de gramática e memorização de termos de categorias gramaticais (GÉ-	A educação que consiste no exercício da memória, com a tendência de desencorajar o pensamento independente, tem uma influência moral que é pouco tomada em conta. Ao sacrificar o estudante a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo, torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e cai fácil presa do engano (WHITE, 2007, p. 230).

RALDI, 1985; 2003).	
Trabalho significativo com a gramática: A produção de texto deve partir de: ter o que dizer; para quem; de onde; quando; como; por quê. (GERALDI, 1985, 2003)	A cada jovem se deve ensinar a necessidade e o poder da aplicação. Disso, muito mais do que do temperamento ou talento, depende o êxito. Sem aplicação, os mais brilhantes talentos pouco valem, enquanto pessoas de habilidades naturais muito comuns têm realizado maravilhas, mediante esforço bem-orientado. E a criatividade, por cujas concepções nos maravilhmos, está quase invariavelmente unido ao esforço incansável, concentrado. (WHITE, 2007, p. 232)
Saber o uso da língua é mais importante que apenas sua classificação (GERALDI, 1985; 2003; BAGNO, STUBBS & GAGNÉ, 2002)	Em todos os ramos da educação, há objetivos a serem adquiridos, mais importantes do que os que se conseguem por mero conhecimento técnico. Na língua, por exemplo. Mais importante do que a aquisição de línguas estrangeiras, vivas ou mortas, é a habilidade de escrever e falar a língua materna com facilidade e precisão; mas nenhuma habilitação adquirida por meio do conhecimento das regras gramaticais pode comparar-se em importância com o estudo da língua de um ponto de vista mais elevado. Em grande parte, se acha ligado a esse estudo o sucesso ou insucesso na vida. (WHITE, 2007, p. 234)
Função da escola: estudo da norma-padrão da língua. (POSSENTI, 1985)	A melhor escola para esse estudo da língua é o lar; mas, visto que a obra do lar é muitas vezes negligenciada, recai sobre o professor o ajudar seus discípulos. (WHITE, 2007, p. 235)
A linguagem do professor deve ser livre de preconceitos linguísticos (BAGNO, STUBBS & GAGNÉ, 2002)	Lembrem-se os professores das próprias faltas e erros, e forcem-se diligentemente para ser aquilo que desejam venham os alunos a tornar-se (WHITE, 1994; 2012 p. 269)

Tabela 1: Relação entre o pensamento de linguistas e citações de Ellen Golden White (QUADROS, 2015, p. 190 e 191)

Um detalhe importante que podemos destacar, antes de fazermos as análises propriamente ditas de cada linha da tabela, é que o livro mais citado de Ellen Golden White na tabela acima, *Educação (2007)*, teve sua primeira edição publicada nos Estados Unidos em 1903 e a primeira tradução feita deste livro no Brasil foi em 1937. Logo, o ano de 2007 é apenas a edição mais recente deste livro, o que nos leva a concluir que os escritos de Ellen Golden White precedem às publicações dos linguistas. Portanto, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) parece querer mostrar que os textos de Ellen Golden White têm um vínculo com os demais linguistas, porque todos são “inspirados” por Deus.

Além disso, ao observarmos a relação dos enunciados dos linguistas com os escritos de Ellen Golden White, percebe-se que há um jogo de força na memória, que segundo Michel Pêcheux (1999) se manifesta de duas formas:

– um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma” estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo;

– mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”. (PÊCHEUX, 1999, p. 53)

Assim, entendemos que em alguns exemplos que analisamos a seguir, existe uma regularização pré-existente de acordo com os assuntos abordados, porém, em outros (e até nos mesmos em que há a regularização), há uma “desregulação”, pois a rede de implícitos não é facilmente perceptível, ou melhor, os efeitos de sentido de ambos os enunciados não se aproximam tanto quanto Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) apresenta.

Na primeira linha da tabela, Émile Benveniste fala da individualidade como expressão linguística do sujeito, enquanto que Marcos Bagno, Michael Stubbs e Greg Gagné ressaltam a importância das variantes linguísticas. Ellen Golden White, por sua vez, fala da individualidade pelo seu aspecto religioso e espiritual, tratando-a como uma atribuição divina e que os jovens devem ser educados para serem pensadores e não meros refletores, sugerindo o trabalho de desenvolvimento individual de cada estudante. Ao fazer esta relação, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) apresenta dois efeitos de sentido de formações discursivas diferentes, porém ela os aproxima por meio do uso do termo “individualidade” dentro do contexto educacional. Além disso, a dupla ocorrência do termo “individualidade” é tomada no texto de Silvia Cristina de Oliveira Quadros como repetição do mesmo, apagando as diferenças ou, como diz Michel Pêcheux absorvendo-as na memória, “como se não tivesse ocorrido”. (PÊCHEUX, 1999, p. 50)

A seguir, Silvia Cristina de Oliveira Quadros procura estabelecer a aproximação entre João Wanderley Geraldi e Ellen Golden White quando aquele diz que o ensino da língua materna não deve se dar “por meio de memorização de termos de categorias gramaticais”, enquanto esta fala da educação que consiste no exercício da memória, com tendência de desencorajar o pensamento independente”. Neste caso, os termos usados para a aproximação foram “memorização” “e exercício da memória”, entretanto Silvia Cristina de Oliveira Quadros não cita as consequências de não se seguir a orientação de João Wanderley Geraldi, enquanto que, na declaração de Ellen Golden White, “a educação que consiste na memória” desencoraja o pensamento independente, a influência moral é pouco tomada em conta, sacrifica a capacidade de raciocinar do estudan-

te e torna-o incapaz de discernir entre a verdade e o erro, isto é, para a enunciadora adventista, as implicações deste tipo de educação prejudicam principalmente o desenvolvimento moral do aluno.

No tópico seguinte, a relação entre os enunciados de João Wanderley Geraldi e de Ellen Golden White se dá de forma bem limitada, pois Ellen Golden White não usa o termo “gramática” como João Wanderley Geraldi e nem comenta sobre o trabalho específico com esta área da língua materna, diferentemente deste pesquisador, que associa o trabalho da gramática com a produção textual. Por outro lado, Ellen Golden White fala da “necessidade e do poder da aplicação” e relaciona a criatividade com o esforço incansável e concentrado. As duas citações são postas em relação de paráfrase, como se uma se vinculasse necessariamente a outra, mostrando que Ellen Golden White está próxima das teorias linguísticas, o que funciona, nesse caso, como argumento para que ela seja “ouvida”. Assim, neste tópico, percebe-se uma relação de desregulação dentro do jogo de força da memória proposto por Michel Pêcheux (1999), já que a relação dos implícitos entre os textos de João Wanderley Geraldi e Ellen Golden White apresentados por Silvia Cristina de Oliveira Quadros não é formada por uma regularização parafrástica, como ocorre, em certa medida, em exemplos anteriores.

A seguir, chegamos ao tópico que talvez seja aquele cujos efeitos de sentido estão mais bem articulados, dentre todos os outros da tabela, pois Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) cita João Wanderley Geraldi e Marcos Bagno, Michael Stubbs e Greg Gagné quando declaram que saber o uso da língua é mais importante que saber a sua classificação. Silvia Cristina de Oliveira Quadros articula este pensamento com Ellen Golden White, ao recorrer as seguintes paráfrases: i) “mais importante do que a aquisição de línguas estrangeiras, vivas ou mortas, é a habilidade de escrever e falar a língua materna com facilidade e precisão” (WHITE, 2007, p. 234); e ii) acrescenta que o conhecimento de regras gramaticais não se compara ao “estudo da língua de um ponto de vista mais elevado” (WHITE, 2007, p. 234). Em outras palavras, vale ressaltar que, segundo Ellen Golden White, é mais importante que o aluno tenha o domínio da língua materna do que a aquisição de línguas estrangeiras e que o sucesso e o insucesso na vida também estão associados a um “estudo mais elevado da língua materna”, ou seja, de acordo com esta concepção, o processo de ensino-aprendizagem da língua materna deve seguir uma abordagem religiosa e espiritual, o que reforça o pré-construído de Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) sobre o propósito da obra *Manual do*

Educador que é “inserir Cristo na sala de aula” por meio da prática de integração fé e ensino/aprendizagem.

No penúltimo tópico da tabela, Silvia Cristina de Oliveira Quadros apresenta a função da escola segundo Sírio Possenti e a aproxima, mais uma vez, de Ellen Golden White, no que diz respeito à perspectiva de ensino da língua materna. Para Sírio Possenti, a função da escola é o ensino da norma-padrão da língua. Mas, ao colocar essa citação em relação de paráfrase com o trecho do texto de Ellen Golden White, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) produz novos efeitos de sentido, segundo os quais não se trata de função da escola, é uma função do “lar”, mas é negligenciada por esse e, por isso, passa a “recair” sobre o professor.

Finalmente, no último tópico da tabela, Silvia Cristina de Oliveira Quadros retoma o texto de Marcos Bagno, Michael Stubbs e Greg Gagné para dizer que a linguagem do professor deve ser livre de preconceitos linguísticos. Na relação de paráfrase com os escritos de Ellen Golden White, o conceito “preconceito linguístico”, cunhado por Marcos Bagno, é reconfigurado como sendo uma “falta” ou um “erro”, o que faz com que a referida expressão passe a funcionar com um efeito de sentido mais próximo do discurso religioso. Nesse caso, o “preconceito linguístico” é visto como uma espécie de “pecado”.

Um outro efeito de sentido é de que o professor também erra, portanto não deve “julgar” os “erros” dos alunos. Nesse caso, o não-padrão é que é visto como “erro”, o que retoma a memória de um discurso do qual Marcos Bagno é forte crítico. O que mostra que:

(...) uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos. (PÊCHEUX, 1999, p. 56)

Nas considerações finais do artigo, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) apresenta a conclusão da pesquisa bibliográfica que realizou com base nas obras de Ellen Golden White e de vários autores da linguística sobre o ensino da língua materna. Ela declara:

No decorrer de nossos estudos, verificamos que os pressupostos de ensino de língua materna, hoje veiculados nas obras de linguística, correspondem às ideias de Ellen G. White que, ao falar sobre educação propõe um ensino que se fundamente na capacidade de raciocinar e não na simples memorização de

regras e categorias gramaticais, e que o estudo prático da língua deve ter como ponto de partida o seu uso de acordo com a situação comunicativa. (QUADROS, 2015, p. 191)

Constata-se, aqui, mais uma vez, que Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) defende a articulação entre os escritos de Ellen Golden White e algumas obras de linguística, voltadas para o ensino da língua materna. Essa aproximação só é possível porque Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) fala da posição de sujeito do “linguista adventista”, o que lhe permite, mais precisamente exige-lhe, que ela faça tal aproximação. Afinal, de acordo com Michel Pêcheux (1993, p. 82), o “discurso é efeito de sentido” entre locutores (ou enunciadore), entendidos como “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1993, p. 82). Portanto, o enunciador Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) assume um determinado lugar na estrutura social, o lugar de linguista adventista, e é desse lugar que o referido enunciador “fala”.

Finalmente, Silvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) propõe três atividades para debate para o público-leitor, com base em três perguntas diretas, uma característica que aparece em todos os artigos da obra “Manual do Educador”. A autora questiona:

1. Se a função da escola é estudar a norma padrão da língua, como é possível conciliar essa tarefa com uma postura metodológica baseada nas premissas expostas neste capítulo?
2. É possível o trabalho docente, conforme aqui descrito, evitar a discriminação linguística dos alunos que se distanciam da norma padrão?
3. Qual a relação entre uma educação baseada em princípios cristãos e o ensino de língua materna que propicie ao aluno a construção de uma cidadania plena? (QUADROS, 2015, p. 191)

Logo, verifica-se que a autora finaliza o artigo problematizando alguns dos pontos principais abordados: i) pelos estudos enunciativos (relação entre sistema linguístico e práticas sociais); ii) pelos estudos da Sociolinguística (preconceito linguístico); e iii) pelos estudos que tratam da relação ensino/aprendizagem (como ensinar a norma padrão), incentivando ainda os docentes a oferecerem “uma educação baseada em princípios cristãos”.

7. Considerações finais

As análises mostraram que a autora do texto sob análise procurou

articular o trabalho de ensino de língua materna na rede de ensino adventista com a cosmovisão bíblico-cristã, de acordo com a fé adventista, o que se deu por meio da presença, no texto, de citações de textos clássicos de Ellen Golden White, bem como de citações e de pré-construídos vinculados ao discurso da linguística contemporânea. Nessa perspectiva, Sílvia Cristina de Oliveira Quadros procurou mostrar, ao longo do seu artigo, que os escritos de Ellen Golden White voltados para a área de educação, produzidos em sua maior parte no início do século XX, estão em harmonia com os estudos atuais de alguns linguistas, e servem, inclusive, para melhorar a prática pedagógica dos docentes de língua materna da rede educacional adventista no século XXI.

Nessa perspectiva, Sílvia Cristina de Oliveira Quadros (2015) materializa diferentes pré-construídos, os quais são indícios do funcionamento de uma memória discursiva que retoma e reconfigura tanto os textos de Ellen Golden White quanto os textos de alguns linguistas contemporâneos. Dessa forma, contou-se um jogo de forças entre memória e atualidade, o qual funcionou a partir de uma dialética entre “desestruturação-reestruturação das redes e trajetões” interpretativos (PÊCHEUX, 2006, p. 56), o que só foi possível porque a autora do texto se subjetiva no lugar de “linguista adventista”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Greg. *Língua materna, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BAHIA, Euler Pereira. Palavras iniciais. In: SUÁREZ, Adolfo Semo. (Org.). *Manual do Educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem*. Engenheiro Coelho: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2015.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Fontes, 1995.

BÍBLIA Sagrada. Trad.: João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

DOUGLASS, Herbert Edgar. *Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen Golden White*. Trad.: José Barbosa da Silva. Tatuf: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins

Fontes, 2003.

GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH DAY ADVENTISTS. The gift of prophecy, 18. In: GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH DAY ADVENTISTS. *28 beliefs*, 2015 edition.

GUARDA, Márcio Dias. Muito além do Ensino. *Revista Adventista*, ed. n. 2355, p. 17, maio, 2015.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da *Análise Automática do Discurso*, de Michel Pechêux (1969). In: GADET, Francaise; HAK, Tony. (Orgs.). (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pechêux*. Trad.: Bethania S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA (IASD). *Declaração de confiança nos escritos de Ellen G. White*. Disponível em:

<<http://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/declaracao-de-confianca-nos-escritos-de-ellen-g-white>>. Acesso em: 26-10-2016.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Francaise; HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pechêux*. Trad.: Bethania S. Mariani *et al.* 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1993, p. 61-161.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Papel da Memória*. In: ACHARD, Pierre *et al.* *Papel da memória*. Trad.: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

POSSENTI, Sírio. Gramática e política. In: GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste Ed. Educativa, 1985.

QUADROS, Silvia Cristina de Oliveira. O ensino da língua materna nos escritos de Ellen G. White. In: SUÁREZ, Adolfo Semo. (Org.). *Manual do educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem*. Engenheiro Coelho: Unaspres – Imprensa Universitária Adventista, 2015.

_____. Prefácio. In: SUÁREZ, Adolfo Semo. (Org.). *Manual do educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem*. Engenheiro

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Coelho: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2015.

WHITE, Ellen Golden. *Conselhos aos professores, pais e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. *Conselhos sobre educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

_____. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.